

SANCHO, PROTÓTIPO DE UM ASPECTO ESSENCIAL DO POVO CASTELHANO (*)

Por MARIA AMÉLIA DOS REIS
Bacharel em Filosofia, Ciências e Letras (Secção
de Letras Neolatinas). Sorocaba.

"En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme". (1), vivia Sancho, pobre lavrador, com sua mulher e filhos, cuidando de seu pedaço de terra.

Quem era Sancho? Um homem rude, simples, um aldeão pacato, sem cultura, um homem do povo.

Aí vivia sossegado, até que um dia solicitou-o D. Quixote para seu escudeiro. E tanto falou e prometeu o fidalgo, que Sancho resolveu acompanhá-lo, deixando casa e família. Teve início, então, uma nova vida para o neo-escudeiro. Sim, uma nova vida, ao fim da qual estaria totalmente modificado, seria um outro Sancho em que as virtudes haviam sobrepujado os defeitos.

Após sua peregrinação ao lado de D. Quixote, também êle passou a esposar o ideal cavaleiresco e a desejar sair pelo mundo, auxiliando os fracos, fazendo justiça.

Sancho é a alma do povo, é o próprio povo do qual êle é representante, do simples habitante de interior, de aldeia, que está distante dos progressos, das lutas, das atribulações e da complexidade da vida metropolitana.

Sancho, como diz muito bem Valbuena Prat em sua *"Historia de la literatura española"* (II, 66), era um homem cheio de profundidade humana, primária, socarrona, mistura de egoísmo, bondade e admiração a seu senhor, de fé e ceticismo.

(*) O presente trabalho foi elaborado em 1955, sendo a autora aluna do segundo ano de Letras Neolatinas. Apresentado ao Concurso promovido pelo Consulado Geral da Espanha com motivo das festividades do 350.º aniversário da publicação da primeira parte do "Quixote", na cidade de São Paulo, para premiar os melhores trabalhos sobre o "Quixote" de estudantes universitários de todo o Brasil, foi galardoado com um dos dois primeiros prêmios instituídos, o da "Casa de Cervantes".

(1) Cervantes Saavedra, Miguel de: "El ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha" — Ed. Aguilar, Madrid, 1951. Cap. I, I, pág. 227.

Era êle um misto de ingenuidade e esperteza, ignorância e sabedoria, bondoso, fiel e enganador, que em tudo acreditava e logo de tudo duvidava. Sua psicologia é, por isso, muito complexa. Diante de situações idênticas, diferentes são as reações apresentadas, e, por isso, torna-se difícil saber como agirá Sancho na próxima vez, pois êle sempre nos surpreende com suas atitudes. Quando se chega à conclusão de que de fato Sancho não era tão ambicioso, êle dá mostras de grande cobiça. Num momento se mostrava ingênuo e logo sagaz nos pensamentos e nas observações. E assim se desenrola sua personalidade através da obra cervantina, sempre apresentando-nos uma nova faceta de seu caráter, um novo interesse.

No mais antigo livro da cavalaria conhecido, "O cavaleiro Cifar", do século XIV, encontramos Ribaldo, tipo escuderial, precedente literário de Sancho. Mas, necessitaria Cervantes de um modelo literário para delinear a figura de Sancho? Certamente que não, porque seu modelo era o próprio povo, era o rústico e bom aldeão de sua terra que Sancho também encarna, sendo, como é, um aspecto essencial do povo castelhano.

Sancho não é um tipo idealizado, irreal, mas profundamente humano e, como tal, é um misto de virtudes e pecados, de qualidades e defeitos, como o é o homem. Analisaremos sua pessoa, tal como se apresenta na obra, na variação de suas atitudes, através das inúmeras transformações efetuadas em seu caráter, no seu lado bom e mau.

Segui-lo-emos pelas estradas manchegas, desde o momento em que, acossado por desejos de riqueza, resolveu acompanhar D. Quixote, até quando, diplomado pela escola quixotesca, encontramos nêle um homem que via no mundo, não mais a matéria, mas, principalmente, o espírito; um homem que não mais se achava prêso ao passageiro e ao efêmero, mas ao que perdura: a boa fama, a glória.

AMBIÇÃO

Referimo-nos aqui, a um Sancho desprendido do mundo, desejo do bom nome, mas assim não era êle quando D. Quixote convidou-o para ser seu escudeiro.

Conhecendo bem aquêle homem do povo, D. Quixote, para que Sancho o seguisse, prometeu-lhe uma ilha, um condado, ou mesmo o título de marquês, pois sabia que, diante de tais ofertas êle não se recusaria a acompanhá-lo, como de fato aconteceu. Diante da promessa de títulos e riquezas, Sancho não hesitou: deixou tudo, e seguiu D. Quixote.

Há quem defenda Sancho, dizendo que não era ambicioso. Mas a princípio, êle demonstrou o contrário, pois foi movido pela

ambição que se decidiu a seguir D. Quixote e seus atos foram muitas vezes impelidos por ela, embora depois se operasse nêle radical transformação.

O pensamento de Sancho ficou como que obcecado pela idéia de ser o governador de uma ilha e acompanhou o cavaleiro andante, passou pelos maiores sofrimentos, sempre pensando no prêmio. D. Quixote deixara o lar movido por um ideal superior, o ideal da cavalaria andante, mas Sancho o fêz pela ambição, pela matéria, pois seu único objetivo, então, era enriquecer.

Simples aldeão, sem cultura, sem qualidades para tal, como queria Sancho ser governador? Mas, em sua simplicidade, julgava-se capaz e, a todo instante, reclamava a ilha.

Logo depois que amo e escudeiro saíram pelo mundo, já Sancho se dirigiu a D. Quixote, dizendo: "*Mire vuestra merced, señor caballero andante, que no se le olvide lo que de la ínsula me tiene prometido*". (2).

A ilha tornou-se para êle um ideal, um sonho lindo que desejava ver realizado tão logo fôsse possível, mesmo que para isso fôsse obrigado a passar por privações, sofrimentos e humilhações. Não serão muitos os que tenham um ideal e tanto tenham lutado por êle como o fêz Sancho. Por isso, como D. Quixote, também êle foi um idealista, muito embora seus anseios fôssem diversos. Mas, o ideal de Sancho estava mesclado com a desenfreada ambição de enriquecer.

No capítulo X da primeira parte, Sancho referia-se à ilha tão ansiosamente esperada, dizendo: "*que se llegue ya el tiempo de ganar esta ínsula que tan cara me cuesta, y muérame yo luego*". Na verdade muito lhe custou ver êsse sonho realizado; êle então não poderia nem imaginar o quanto sofreria para ganhá-lo.

Tal era o desejo de conseguí-la que, após a realização dêste ideal, nada mais almejava nesta vida. Já estava pronto para morrer. E êle teve sua ilha, mas era uma burla.

Muitas vêzes Sancho mostrou-se verdadeiramente ambicioso, tanto que seria capaz de renunciar à ilha, diante de algo que lhe pudesse dar proveito mais rápido, como aconteceu com o bálsamo de Fierabrás, com o qual pensava ficar rico.

Absorvido por esta ambição mesquinha, nada via além disto. Só depois de quixotizado é que surgiu nêle a ambição da glória, da boa fama que todos nós almejamos.

Sempre que se encontrava diante de um perigo, Sancho lembrava D. Quixote de sua promessa. Assim, quando ambos estavam à procura de água, na noite escura e amedrontadora, Sancho voltou a falar da ilha, mesmo tomado de medo como estava, confessando, então, que acompanhara D. Quixote em suas aventuras, unicamente com o fim de tornar-se um grande e rico senhor.

(2) Cervantes, op. cit., C. 7, I, 292.

Sempre que aparecia algo com que pudesse beneficiar-se ou de que pudesse tirar algum proveito, grande era seu contentamento.

Quando da aventura com o barbeiro, (Cap. XXI, I) D. Quixote julgou estar diante do elmo de Mambrino e Sancho, mostrando mais uma vez uma ambição, pensou logo no valor que teria, no lucro que poderia obter com sua venda. Em seguida, apossou-se dos despojos da luta, não sendo êle cavaleiro andante, nem conhecendo as normas da cavalaria.

Entretantes, começava a se fazer sentir a influência de D. Quixote, pois Sancho se queixava de que a cavalaria andante rendia pouco e não dava a Fama almejada. Note-se a transição que pouco a pouco se opera: a riqueza e a boa fama já estão lado a lado no pensamento de Sancho. Chegará, porém, o momento feliz em que esquecerá os bens materiais, para lançar-se à luta pela glória do bom nome. Agora, porém, é mais forte a ambição da riqueza material.

Assim, quando D. Quixote prometeu-lhe três burricos, Sancho pediu-lhe uma ordem por escrito, pois poderiam não acreditar nêle... Foi, então, levar a carta do cavaleiro a Dulcinéia e, no caminho, ao notar que estava sem o livrinho de memórias onde se achavam a carta e a ordem, de que se recordou Sancho? De que poderia perder os burricos, e não de Dulcinéia ou do amo.

O Sancho primitivo era ainda mais forte que o novo homem que aos poucos surgia. A cobiça o cegava, não o deixava ver nada além das vantagens, dos interesses mesquinhos do dinheiro, dos bens materiais.

Ao encontrar os escudos em Serra Morena, Sancho exclamou: "*Bendito sea todo el cielo, que nos ha deparado una aventura que sea de provecho!*" (3) o que demonstra, mais uma vez, sua ânsia de riquezas. Rejubilou-se diante do achado e mais ainda quando D. Quixote deu-lhe o dinheiro encontrado e, ao narrar as aventuras ao Cura, ocultou-lhe êste fato, temeroso de perder o regalo.

Sancho procurou ocultar ao Cura e ao barbeiro, o lugar onde se achava D. Quixote, dissimulou, mas quando lhe disseram que poderiam ajudar o nobre cavaleiro a tornar-se imperador, então sim, levou-os até a Serra Morena, permitindo que se burlassem dêle.

Depois, porém, o próprio Sancho que conhecia o ardil preparado para conseguir fazer D. Quixote deixar aquela vida de aventuras, acreditou estar diante da rainha Micomicona. Então, reacendeu-se nêle o desejo da ilha que êle julgava tão próxima, pois estava frente a uma rainha... Pareceu-lhe que, finalmente, seu sonho seria maravilhosa realidade e saltou de alegria, beijou as mãos da jovem, antevendo as glórias e fortuna que possuiria quando governador. Em seguida, insistiu com D. Quixote para que se

(3) Idem, C. 23, I, 490.

casasse com a “rainha” Dorotéia, pois assim tornar-se-ia rei e poderia fazer benefícios ao seu escudeiro.

Tal era a ambição de Sancho, que chegou a dizer irreverentemente que a beleza de Dorotéia sobrepujava a de Dulcinéia e que D. Quixote, após o casamento com a suposta rainha, poderia amancebar-se com a princesa do Toboso. Eis até onde chegou Sancho, movido pela ambição! Sim, a ilha era para êle um ideal, não poderia deixa-lo desvanecer, mas não devia ter chegado ao ponto de sugerir tal coisa a D. Quixote.

Mais tarde, na hospedaria, após tão raro acontecimento, só Sancho estava triste, pois percebera que o domínio de Dorotéia era imaginário e, portanto, estava tudo irremediavelmente perdido. Entretanto, diante da confirmação, por parte desta, de que era de fato senhora de um reino, o ingênuo escudeiro acreditou em suas palavras e seu coração tornou-se novamente jubiloso.

Por que desejava Sancho uma ilha?

Pelas honras, riquezas, pela vida despreocupada, já que, a princípio, não possuía o desejo de boa fama. Não desejava ser governador, mas queria uma ilha para êle, para poder fazer o que deliberasse e, por tal prêmio, acompanhara D. Quixote.

O desejo da boa fama, só apareceu quando Sancho teve conhecimento de que a narração das aventuras de D. Quixote haviam sido impressas e que êle era um dos principais personagens da história.

Então, já vemos Sancho convidando o amo para sair em busca de novos combates, dizendo: “*si mi señor tomase mi consejo, ya habíamos de estar en esas campañas, deshaciendo agravios y enderezando tuertos*”. (4).

Mas nem assim Sancho se esqueceu da ilha, nem assim desapareceu o desejo de riquezas que, então, estava ao lado dos anseios de boa fama.

“*Yo, señor Sansón, no pienso granjear fama de valiente, sino del mejor y más leal escudero que jamás sirvió a caballero andante*” (5), dizia Sancho, mas logo o antigo escudeiro não quixotizado se mostrou, quando continuou: “*y si mi señor D. Quijote, obligado de mis muchos y buenos servicios, quisiere darme alguna ínsula (...), recibiré mucha merced en ello*”.

Mas a ambição estava então mais moderada, contentava-se com uma ilha em vez de um reino, como pretendera antes, pois “*tanto es lo de más como lo de menos*”. (6).

Dissertou certa vez sôbre a morte destruidora, dizendo: “*hoy somos y mañana no*” (7). A morte é imprevisível, déspota cruel

(4) Idem, C. 4, II, 984.

(5) Idem, C. 4, II, 985.

(6) Idem, C. 4, II, 986.

(7) Idem, C. 7, II, 1008.

que escolhe sua vítima e a arrebatada consigo, sem que de nada valham rogos, cetros, ou mitras, como já dizia Jorge Marínque em suas "Coplas a la muerte de su padre". E por que fez Sancho essas explicações sobre a morte? Para chegar ao seu tema preferido: a ilha ou uma paga pelos serviços prestados a D. Quixote. Não queria mais sair em busca de aventuras para ganhar fama, só pelo ideal, mas desejava compensação. Continuava em Sancho a luta entre o bem e o mal, entre a matéria e espírito. Não era capaz de fazer algo, sem que tirasse disso algum proveito material, se esqueceu de que agora tinha saído movido em parte pelo ideal da cavalaria andante e retrocedeu para seus anelos de riqueza.

Mas, ao lado deste, estava o Sancho desejoso de boa fama, preocupado com sua reputação, que almejava saber como conseguir mais facilmente o bom nome. Perguntou, então, a D. Quixote, quem tem melhor e maior fama: os santos ou os cavaleiros andantes e, à resposta de que os primeiros têm fama maior e que são mais venerados, propôs a seu senhor: "*nos demos a ser santos y alcanzaremos más brevemente la buena fama que pretendemos*". (8).

Mas a ilha encantada não saía de seu pensamento, e contou ao escudeiro do Cavaleiro do Bosque que ganharia uma ilha e que por ela estava disposto a tudo, açoites, humilhações e até viagens pelos "ares".

Nunca, porém, Sancho se revelou tão ambicioso e apaixonado pelos bens naturais, como por ocasião do casamento de Quitéria e Camacho.

Concordou com ela, preferindo Camacho a Basílio, pois o primeiro era riquíssimo, poderia proporcionar à esposa todo o conforto material, enquanto Basílio era pobre e só poderia oferecer seu valor, qualidades e amor.

E então, disse Sancho: "*habilidades y gracias no son vendibles*", acrescentando: "*el mejor cimienta y zanja del mundo es el dinero*". (9). É verdade que só de amor não se vive, mas, então, de nada valem as boas qualidades? Enganava-se Sancho, pois o dinheiro sozinho não traz felicidade a ninguém. Ele, porém, obstinadamente, dava maior valor à matéria.

Mas não podemos culpá-lo por isso, pois assim lhe haviam ensinado os seus. Afirmava-lhe a avó: "*Dos linages solos hay en el mundo, (...) que son el tener y el no tener*". (10). Por isso, Sancho merece nosso perdão ao dizer: "... ¡*tanto vales cuanto tienes, y tanto tienes cuanto vales!*". (11).

Também o desculpa o fato de que em "*el día de hoy, (...) antes se toma el pulso al haber que al saber: un asno cubierto de*

(8) Idem, C. 8, II, 1025.

(9) Idem, C. 20, II, 1146.

(10) Idem, C. 20, II, 1156.

(11) Idem, C. 20, II, 1156.

oro parece mejor que un caballo enalbardado". (12). Sim, é verdade, os homens cada vez mais se afastam da luz para cair nas trevas da ignorância e do materialismo. E' esta a triste realidade.

Sancho tomou o partido de Camacho porque êste lhe havia proporcionado momentos agradáveis, oferecendo-lhe deliciosos manjares. Também aqui Sancho representa o povo, mas não aquêlo povo bom e caridoso, mas o ambicioso, supérfluo, materialista, que não reconhece o valor do espírito, da alma, mas se deixa levar pelas aparências.

Mais uma vez Sancho se esquecera de que havia saído em busca da boa fama. Era necessário que voltasse ao princípio, se espiritualizasse, pensasse no ideal que até há pouco tinha em mente, e que não se deixasse enganar por exterioridades, pelo que pudesse gozar ou receber, mas procurasse adquirir bens espirituais e duradouros.

Voltou depois a meditar sôbre a morte que ceifa a vida a todos, não distinguindo entre ricos ou pobres, velhos, jovens ou crianças, atendo-se portanto, a problemas de ordem superior.

A êste Sancho, preocupado com os fatos transcendentais, com algo mais importante que comer, dormir, enriquecer, é que admiramos. Podemos, então, esquecer o Sancho interesseiro, mesquinho, carnal, materialista, pois estamos frente a um homem de bom coração e alma sensível que diz: ...*"más vale el buen nombre que las muchas riquezas"*... (13).

Pouco a pouco, Sancho foi convertendo-se, transformando-se, influenciado por D. Quixote. E essa modificação profunda de seu caráter se fêz sentir principalmente quando viu, diante dos olhos, a tão almejada ilha, ignorante de que tudo não passava de terrível zombaria. Então, uma grande metamorfose se deu, e Sancho mostrou todo o seu valor, revelou-se o grande homem que estava escondido sob roupagens tão simples.

Antes da efetivação dêste sonho, apareciam ainda os remanescentes do antigo Sancho. Na carta a Teresa, referiu-se à próxima partida para o govêrno, para onde se dirigia *"con grandísimo deseo de hacer dineros"*. (14). E, ao descer do cavalo Clavileño, pediu ao duque um pedaço do céu. Já não lhe bastava a ilha, queria também um pedaço do céu.

A terrível ambição de que Sancho vinha afastando-se, retornava. Embora tenha sido feito para a felicidade eterna, o homem tem tendência para o mal e, como dizia Dante, no Inferno de sua Divina Comédia, *"il piè fermo sempre era il più basso"*. E' necessário muita fôrça para abandonar o mal e tomar o caminho certo.

(12) Idem, C. 20, II, 1156.

(13) Idem, C. 33, II, 1308.

(14) Idem, C. 36, II, 1334.

Mas, o espírito de Sancho foi deixando a matéria para elevar-se sempre mais. Disse que desejava governar ... *“por el deseo que tengo de probar a qué sabe el ser gobernador”*, pois... *“yo imagino que es bueno mandar, aunque sea a un hato de ganado”* (15). Era o desejo de mandar, a ambição do poder que agora surgia em Sancho. Todavia a glória, as honrarias não o modificaram, pois, disse: *“seré Sancho Panza”*. Não dava mais importância às aparências, via a essência que não muda. Apesar de tudo era êle o mesmo Sancho simples a que nos acostumamos.

Finalmente, chegou o momento culminante de sua vida: *“Salió, en fin, Sancho, acompañado de mucha gente, vestido a lo letrado”* (16), para a ilha. Enfim chegara o momento da realização do ideal acalentado há tanto tempo e com tanto carinho. Sancho ia tomar posse do govêrno da ilha Baratária!

Seu coração deveria estar exultante, ao ver-se cercado de tantos aparatos, tão respeitado e ao ver, diante de si, a ocasião de dar largas à ambição, ao desejo de *“hacer dineros”*. Mas qual! Havia desaparecido aquela antiga ambição de riquezas e de glórias!

Não permitia, então, que o chamassem D. Sancho Panza, pois em sua família não havia *“Dones”*.

Êle não era mais aquêle Sancho desejoso de um reino, para viver cômodamente de suas rendas, mas um governador capaz que dizia: ... *“es mi intención limpiar esta insula de todo género de inmundicia y de gente vagabunda, holgazana y mal entretenida (...)* *Pienso favorecer a los labradores, guardar sus preeminencias a los hidalgos, premiar a los virtuosos y, sobre todo, tener respeto a la religión y a la honra de los religiosos”*. (17).

Moralizador, religioso, sábio mesmo se mostrava Sancho em seus dizeres. Era êle, então, um governador imbuído das melhores intenções, não mais um ambicioso desenfreado, um materialista.

Mas a felicidade durou pouco para êle e, logo depois, veio a desilusão. Sancho voltou, então, a ser o simples escudeiro de um cavaleiro andante.

Antes, dizia êle, ... *“dichosas eran mis horas, mis días y mis años”*. (18). Mas, a ambição o tinha levado da vida feliz de outra e Sancho confessou: depois que *“me subí sobre las torres de la ambición y de la soberbia, se me han entrado por el alma adentro mil miserias, mil trabajos y cuatro mil desasosiegos”*. (19). Arrependia-se, então, de ter sido ambicioso, pois sentia que a ambição só lhe havia dado dissabores e reconhecia que ... *“bien se está cada uno usando el oficio para que fué nacido”*. (20).

(15) Idem, C. 42, II, 1387.

(16) Idem, C. 44, II, 1405.

(17) Idem, C. 49, II, 1462.

(18) Idem, C. 53, II, 1515.

(19) Idem, C. 53, II, 1515.

(20) Idem, C. 53, II, 1516.

Sim, Sancho estava certo, pois a presunção de ir além de nossas possibilidades, traz consigo a desilusão e será desagradável ter de reconhecer nossa incapacidade e voltar “*a andar por el suelo con pie llano*”. (21).

Depois da triste experiência na ilha Baratária, Sancho recusou o que lhe ofereciam, ao deixá-la, aceitando apenas meio pão e meio queijo para si e cevada para o “*rucio*”. Não mais apareceu aquela cobiça, embora se contentasse muito ao receber dinheiro dos duques.

Após o insucesso da ilha, Sancho tinha o desejo de ser apenas um conde, não desejava mais ilhas, nem reinos ou governos. Mas, imensa foi sua mágoa ao ver D. Quixote vencido, ao pensar que não mais teriam aventuras, nem glórias, e ao saber da publicação de uma obra em que não se conservava sua boa fama (O Quixote de Avellaneda).

A ambição mesquinha fôra finalmente sobrepujada.

E, quando Sancho se dispôs a açoitarse para livrar Dulcinéia do encantamento, aceitou paga porque, dizia êle, ...“*el amor de mis hijos y de mi mujer me hace que me muestre interesado*”. (22). Não era mais pela ânsia de “*ganar dineros*”, para enriquecer, mas por amor à família, para sustentá-la.

Assim, Sancho que, a princípio, era movido por tenaz ambição, conseguiu vencê-la após inúmeros reveses sofridos e, especialmente, depois da destruição de seu sonho.

Como bom discípulo da escola de D. Quixote, Sancho hauriu o mais possível dos ensinamentos daquele homem-ideal e renúncia. Sentimos, então, a radical transformação operada no bom escudeiro, durante sua peregrinação ao lado daquele que lhe foi mestre e amigo fiel, tornando-se, como D. Quixote, um novo cavaleiro andante.

MÊDO

Mas, embora se pudesse julgar que a ambição fizesse de Sancho um homem intrépido e corajoso, pronto para a luta, a realidade era bem diferente, pois era medroso, tímido e, às vêzes, covarde mesmo.

Não tinha auto-confiança ou destemor, mas era deveras temeroso.

Logo após haverem, êle e D. Quixote, deixado a aldeia em que residiam, já demonstrou Sancho êste traço de sua personalidade, temendo a “*Santa Hermandad*”, tanto que chegou a convencer o cavaleiro, a internar-se na Serra Morena, escondendo-se dela.

(21) Idem, C. 53, II, 1517.

(22) Idem, C. 71, II, 1703.

O mêdo que sufocava Sancho levou-o, muitas vêzes, a faltar com o dever, a deixar o amo sòzinho nos combates, como fêz por ocasião da luta com os pastôres. Em vez de auxiliá-lo, foi esconder-se e só quando êles se foram, é que retornou para junto de D. Quixote.

Mais de uma vez Sancho chegou a tremer, a bater os dentes de mêdo, como, por exemplo, quando viu os descamisados caminhando através da noite escura, com seus archotes, pois julgou-os fantasmas. O pobre escudeiro não era capaz de controlar-se, nem possuía coragem suficiente para enfrentar os perigos. Aliás, esta foi uma fraqueza que sempre o acompanhou e que êle não conseguia vencer.

Imenso foi o temor de Sancho quando saíram em busca de água, certa noite, pois a escuridão, o rumor das águas, a solidão, o assobio do vento, o desconhecimento do lugar por onde caminhavam e os golpes que ouvia causavam-lhe tamanho mêdo, que impediu D. Quixote de afastar-se dêle, enganando-o com a simulação de um encantamento.

Sancho era covarde, em vez de auxiliar D. Quixote, fugia, escondia-se. A isso referiu-se um dia o nobre cavaleiro dizendo que êle temia mais um lagarto, do que o próprio Deus. Aborreceu-se Sancho com esta observação de D. Quixote, mas a realidade era a apontada por êste, tanto assim que Sancho, ao ver um javali, desmaiou.

Como vemos, uma pequena coisa era suficiente para amedrontá-lo. Assim, ao ver o nariz monstruoso do “escudeiro” Cecial, tal foi seu mêdo, que subiu a uma árvore, para não estar sòzinho, junto dêle.

Mas a ambição algumas vêzes foi mais forte que o mêdo. Dêste modo, receioso de que a ilha lhe fôsse arrebatada se não consentisse em cavalgar Clavileño, decidiu-se a ir com êle pelos “ares”, a fim de não ter seu sonho desfeito.

Terror mesmo, passou Sancho quando caiu em uma furna com o asno. Como padeceu êle, ali sòzinho, no escuro, com a vida em perigo, sem ter a quem recorrer. Era uma terrível provação para quem, como Sancho, procurava sempre quem o defendesse, abrigo-se dos perigos e fugindo a êles, levado pêlo mêdo que sempre o acompanhou e do qual não conseguiu livrar-se jamais.

SANCHO, BEBERRÃO E GULOSO?

Se houve em Sancho uma falta de que podemos acusá-lo, foi ela o mêdo, o temor excessivo. Todavia, foram muitos os que o incriminaram de falhas inexistentes ou desculpáveis, como a de ter sido um beberrão desenfreado, além de guloso. Mas esta afirmação é falsa, como veremos em seguida.

Obedecendo ordens de D. Quixote, Sancho preparou o alforge para a longa jornada a que ambos se haviam proposto. Após algum tempo, perguntou-lhe D. Quixote o que havia para comer. Respondeu-lhe o escudeiro: ...*“una cebolla y un poco de queso, y no sé cuántos mendrugos de pan”*. (23).

Eram êstes os manjares que trazia Sancho consigo. E, a êste homem, chamam guloso e bebedor!

Não nego que êle apreciava a boa comida e o bom vinho, mas isto é natural, próprio do ser humano. Mais ainda desculpá-lo-emos, se atentarmos para o fato de pertencer êle à classe humilde de uma aldeia. Certamente, em sua casa, não havia muita fartura nem variedade na alimentação. Não é de admirar-se, portanto, que se aproveitasse das ocasiões em que lhe apresentavam primorosas iguarias, para deliciar-se com elas.

Sancho não estava disposto a sofrer fome, por isso munuiu-se de frutas sêcas para D. Quixote e, para êle tomou *“otras cosas volátiles y de más substancia”*. (24). Alegrava-se de ser apenas escudeiro, pois lhe era permitido alimentar-se à vontade, não precisava refrear o apetite.

Talvez sejam a presença de D. Quixote, e sua comparação com Sancho as causas que levam muitos a considerar Sancho como guloso. Devemos, porém, lembrar-nos de que êle não comungava o ideal da cavalaria andante e de que era um homem comum, simples, sem pretensões de tornar-se um outro Quixote.

Sancho tomou em consideração o aviso feito por D. Quixote de que poderiam chegar a um lugar onde não houvesse o que comer, nem beber. Por isso, dizia êle ...*“pienso hartarme por tres días; porque he oído decir a mi señor D. Quijote que el escudero de caballero andante ha de comer cuanto se le ofreciere, hasta no poder más”*. (25). Fôra o próprio D. Quixote quem o advertira e Sancho seguia seu conselho, alimentando-se bem, quando lhe era permitido.

Sancho tinha fama de guloso, tanto que lhe disse a ama de D. Quixote: ...*“golosazo, comilón que tú eres”*. (26). Esta, porém, não era a realidade.

Quando da aventura com o Cavaleiro do Bosque, Sancho, em companhia do escudeiro dêste, comeu e bebeu até ser tomado pelo sono, bem como seu companheiro. Sancho se fartara, pois o escudeiro trazia consigo iguarias que há muito êle não saboreava.

Sempre que havia necessidade de permanecerem, por alguns dias, na residência de grandes senhores, muito se alegrava Sancho, pois sabia que poderia, então, gozar dos prazeres da boa mesa e refazer-se dos padecimentos da jornada.

(23) Idem, C. 10, II, 326.

(24) Idem, C. 10, I, 327.

(25) Idem, C. 50, I, 900.

(26) Idem, C. 2, II, 960.

Mesmo após os mais terríveis insucessos, Sancho estava sempre disposto para comer, tanto que observou D. Quixote: "*Yo, Sancho, nací para vivir muriendo, y tú para morir comiendo*". (27). Este fato, porém, não é suficiente para provar ser êle um glutão, pois estava satisfazendo as exigências de seu organismo.

Entretanto, se alguma vez Sancho pecou por gula, sua culpa foi anulada quando governador, pois em seu palácio, na ilha, o Dr. Tirteafuera negava-lhe tudo quanto desejava para saciar a fome.

Afirmou Sancho em certa ocasião: "...*yo, simple, gracioso y no comedor ni borracho*". (28). E não mentia, pois esta é a realidade e inverdade seria afirmar-se o contrário.

IGNORÂNCIA E SABEDORIA

Sancho era um simples lavrador, sem outros conhecimentos que os necessários para sua vida pacata de aldeão da Mancha.

"*La verdad sea (...) que yo no he leído ninguna historia jamás porque ni sé leer ni escribir*" (29), confessou êle em certa ocasião. Não tinha, portanto, nenhuma instrução, a não ser a adquirida na vida comum de todos os dias.

De sabor todo especial, deveras interessante, é a definição que êle nos apresenta de cavaleiro andante: "*es una cosa que en dos palabras se ve apaleado y emperador: hoy está la más desdichada criatura del mundo y la más menesterosa, y mañana tendrá dos o tres coronas de reinos que dar a su escudero*". (30). Isso era tudo o que Sancho entendia da cavalaria andante. Não se lembrava de seu nobre ideal, mas baseava seu coneito no que vira suceder a amo e escudeiro, até então, ou no que ouvira dela dizer. Observara a realidade e, de acôrdo com ela, dava sua definição, resultante apenas do que vira acontecer.

Todavia, êste Sancho, muitas vêzes se mostrou sábio, demonstrando que, embora simples e ingênuo, era também de espírito agudo e sagaz.

"Cada uno es hijo de sus obras" (31), dizia Sancho, pois não desconhecia que receberemos os frutos de nossas ações e que cada um produz de conformidade com suas aptidões e capacidade. Se Sancho tinha argumentos convincentes e pensamentos discretos, capazes de provocar a admiração dos que o conheciam, é porque era sábio. Contudo, não era um erudito, seus conhecimentos não tinham sido conseguidos através dos livros, mas da experiência da vida.

(27) Idem, C. 59, II, 1570.

(28) Idem, C. 59, II, 1580.

(29) Idem, C. 10, I, 323.

(30) Idem, C. 16, I, 387-388.

(31) Idem, C. 47, I, 863.

Sancho expressava sua sabedoria popular por meio de um número imenso de provérbios que conhecia e sabia empregar no momento exato, no lugar adequado. Esta faculdade de Sancho causava espanto a D. Quixote, pois êle era um fidalgo, havia ilustrado o espírito em compêndios diversos e não era capaz de utilizar, com a mesma rapidez e propriedade de Sancho, uma série de provérbios.

Sancho sofreu profunda influência de D. Quixote, tanto que foi tornando-se mais concertado em suas sentenças, fazendo comparações de grande acêrto.

Dizia Sancho que a conversação de D. Quixote foi o estêrco que caiu sôbre a terra estéril de seu ingênio; a culturação foi o tempo que estiveram juntos e disso saíram os frutos que êle podia já notar ou que ainda viriam. Os têrmos da comparação são rústicos, simples, mas podemos notar a profundidade do pensamento de Sancho.

Sua escola foi a de D. Quixote. Na fonte inesgotável do espírito cultivado do cavaleiro e de sua sabedoria, hauriu Sancho os mais diversos conhecimentos. E o escudeiro fiel não os esqueceu nunca, antes, assimilou-os, aproveitou-os e procurou, sempre que possível, applicá-los.

A ocasião propícia para a demonstração de sua sabedoria, teve-a Sancho quando no govêrno da ilha Baratária. Podemos, então, vê-lo dando as mais ajustadas sentenças, applicando sàbiamente os conhecimentos e conselhos recebidos, fazendo justiça. E êle podia fazê-lo, pois conhecia bem o mundo e a psicologia do povo de que era componente, tanto que afirmava: ...*“las neceidades del rico por sentencias pasan en el mundo”*. (32). Não desconhecia, portanto, que a humanidade, por êle representada, julga muitas vêzes pelas aparências, deixando-se levar pelo aspecto exterior dos homens e das coisas, collocando de lado o valor intrínseco e verdadeiro delas.

Os atos de Sancho eram a síntese de uma lei natural, pois não havia cursado escolas, nem conhecia legislação ou direito, mas agia de acôrdo com a lei natural de que todos nós podemos dispor, e com sua consciência reta.

Êste era o direito que Sancho conhecia, esta a legislatura. E êle encarnava, como diz Maldonado Ruíz, ao mesmo tempo, a ordem, a justiça, a promulgação das leis e a administração. (33).

Acrescenta Ruíz, em seguida: Sancho não conhecia filosofia, ética, mas é a ética pura: magnânimo ante a dúvida, inflexível diante da injustiça, prudente em seus juízos, certo em suas pragáticas.

(32) Idem, C. 43, II, 1400.

(33) Ruíz, Antonio Maldonado — “Cervantes, su vida y sus obras” C. Labor, pág., 187.

O próprio Sancho confessara sinceramente que não conhecia filosofia, mas tinha a certeza de que seria capaz de governar, com a Alma. E êle soube reger magnificamente sua ilha com a "alma", causando admiração àqueles que haviam burlado dêle, pelo acêrto e justiça de suas decisões e pela rapidez com que resolvia os mais difíceis casos.

Apresenta-se-nos a figura de Sancho, grave, pensativo, decidindo e julgando, satisfatoriamente, as dificuldades surgidas.

Êste era o Sancho que confessava humildemente: ... "*mi hacienda, que ninguna otra tengo ni otro caudal alguno, sino refranes y más refranes*", (34) e que, no entanto, demonstrou por seus atos e observações, ser um homem sábio, tanto mais porque era modesto e sabia reconhecer o que ignorava.

SANCHO, PÍCARO E FIEL

Além de sábio, Sancho era afetuoso e fiel.

A partir do momento em que deixou sua aldeia, como escudeiro de D. Quixote, jamais Sancho foi capaz de afastar-se dêle.

Embora êle mesmo afirmasse: ... "*bien es verdad que soy algo malicioso, y que tengo mis ciertos asomos de bellaco*" (35), Sancho, além de outras virtudes, tinha, sobretudo, a da fidelidade, pois amava D. Quixote, estimava-o profundamente e servia-o com dedicação.

Após algum tempo, porém, começou a demonstrar tendências de pícaro, burlando-se de D. Quixote, mentindo-lhe e enganando-o.

Assim mostrou-se êle quando da burla que lhe fêz com os requeijões, dizendo depois a D. Quixote que o que lhe acontecia era por obra de algum encantador, conseguindo com esta explicação, convencê-lo.

Mas, jamais se mostrou Sancho tão pícaro, como quando enganou D. Quixote, por mais de uma vez, a respeito de Dulcinéia, pois ela era, para o cavaleiro, a mais perfeita princesa de quantas havia, uma criatura ideal, quase divina. Não deveria Sancho, portanto, depreciá-la ou referir-se a ela sem mostras de respeito; no entanto, êle o fêz, mesmo sabendo que com essa atitude, magoaria e entristeceria profundamente a D. Quixote.

Seguindo instruções dêste, Sancho se dispôs a entregar a Dulcinéia uma carta de seu fiel servidor e, de volta, disse a êle que a encontrara "*ahechando trigo*", muito embora não tivesse ao menos se dirigido a Toboso. Mais tarde, distraído, afirmou que nunca havia visto a "princesa" e, diante da surpresa e espanto de D. Quixote por tal afirmação, explicou-lhe o Sancho pícaro que não

(34) Cervantes, op. cit., C. 43, II, 1401.

(35) Idem, C. 8, II, 1021.

a tinha visto de perto, de modo a poder observá-la e conhecê-la bem, com o que concordou D. Quixote.

Em outra ocasião em que foi novamente encarregado de ir a Toboso, em busca de Dulcinéia, sentou-se à margem da estrada, dizendo irônicamente: "*Voy a buscar, como quien no dice nada, a una princesa, y en ella al sol de la hermosura y a todo el cielo junto*". (36).

Em seguida, como fôsse impossível satisfazer o desejo de D. Quixote, engendrou um ardiloso plano que executou: apresentou-lhe uma rústica e desgraciosa lavradora que encontrara no caminho, e suas companheiras, como sendo Dulcinéia e suas damas de honor. O apaixonado cavaleiro não podia acreditar no que lhe afirmava Sancho, era inconcebível que aquela jovem feia e grosseira fôsse a sua bela e angelical Dulcinéia. Sancho, porém, ajoelhou-se aos pés da moça, dizendo-a sua Senhora e o bom D. Quixote, acreditando tratar-se de um encantamento como lhe declarava o escudeiro, saudou-a também. Isso fêz D. Quixote com enorme tristeza, com o coração partido pela dor de ver reduzida àquela desengonçada lavradora, a princesa dos seus sonhos, que êle servia com tanta dedicação.

Sancho utilizava, assim, a loucura de D. Quixote, para enganá-lo, colocando-se numa posição picaresca.

Mas êle não foi um pícaro permanente, pois, apesar de o ter sido a princípio, tornou-se depois fiel e passou mesmo a idealizar, contagiado por D. Quixote.

Sancho, servindo-se de sua fértil imaginação, havia simulado o encantamento de Dulcinéia. Terminou, porém, êle próprio, por julgá-lo realidade, tanto que decidiu açoitar-se para desencantá-la, e afirmou: "*aunque fuera de mezcla, cumpliré mi palabra*". (37).

Mas, quando D. Quixote quis forçá-lo a cumprir a promessa feita, Sancho revoltou-se e avançou para êle, lançando-o ao solo. E, ao inquirir do escudeiro o motivo de semelhante atitude, recebeu D. Quixote esta resposta: "*yo soy mi señor*" (38). Como se mostrava ingrato Sancho, a quem tudo havia feito por êle! Mas, das trevas nasce a luz e, após êste deprimente acontecimento, o amor de Sancho por D. Quixote tornou-se mais sólido e profundo.

Porém, voltou ainda uma vez a enganar D. Quixote, fugitando às árvores, em vez de açoitar-se, muito embora fôsse pago para fazê-lo.

Mas, apesar de tudo, Sancho, no fundo era bom e honesto, e defendia-se das acusações recebidas, dizendo: "*aunque pobre, soy cristiano viejo y no debo nada a nadie*". (39). Sim, Sancho era

(36) Idem, C. 10, II, 1035.

(37) Idem, C. 41, II, 1375.

(38) Idem,

(39) Idem, C. 47.

pobre, mas honrado; não se aproveitara da posição de governador para obter lucros e riquezas, mas deixou a ilha sem nada, pois, dizia êle: *"yo no soy hombre que robo ni mato a nadie"*. (40).

Quando um homem se desilude, converte-se em pícaro. Na novela picaresca, o pícaro herói se desilude logo no princípio e não volta mais a crer inocentemente. Sancho, entretanto, acreditava e se desiludia várias vezes, não permanecendo continuamente na posição picaresca, mas sendo, apesar de tudo, fiel, como afirma Dámasco Alonso. (40).

Embora pareça paradoxo a afirmação de que Sancho era um pícaro honrado, não o é, pois não era êle um rufião, nem levava uma vida livre, mas era cristão.

"Sancho Panza encarna a personalidad picaresca española, con más intensidad que el ambiente general en que se desarrolla toda la obra, también de tipo picaresco. Pero Sancho Panza encarna esta personalidad picaresca acomodando el mundo a su holganza y a su sentido práctico, sin conseguirlo, como tampoco consigue Don Quijote acomodarlo a sus sueños, tragedia que produce en los ánimos nobles toda una vida de reposada meditación". (42).

FÉ E DÚVIDA

Afirmávamos, há pouco, que Sancho não era um pícaro permanente, mas estava colocado entre a fé e a dúvida. De fato, assim aconteceu, e é característica de sua psicologia, a alternância entre a fé e o ceticismo.

—*"A la mano de Dios —dijo Sancho— yo lo creo todo así como vuestra merced lo dice"* (43), e não mentia, pois acreditava piamente em tudo quanto lhe dizia D. Quixote, deixando-se facilmente convencer por êle, uma vez que reconhecia sua superioridade e sabedoria.

Mas essa crença não era duradoura, e muito menos, inabalável, já que, como diz Dámasco Alonso (44), um dos traços mais marcantes da alma de Sancho era o movimento de ondulação entre a ilusão e a desilusão. Na verdade, assim era Sancho, típica expressão daquele povo simples e ingênuo que facilmente acredita num boato, no que dizem os outros e que, com a mesma facilidade desilude-se e volta a crer.

Sancho, a princípio, aceitava tudo quanto lhe declarava D. Quixote, sua fé nêle era incomensurável. Mas, quando ouviu-o dizer

(40) Idem, C. 25, I, 547.

(41) Dámaso Alonso — "Sancho — Quijote, Sancho — Sancho" em "Homenaje a Cervantes", pág. 59.

(42) Morejón, Julio García — "Perfiles de Don Quijote", na revista "Paidéia", da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, pág. 155.

(43) Cervantes, op. cit. C. 8, I, 300.

(44) Dámaso Alonso, op. cit., pág. 59.

que Dulcinéia era Aldonça Lorenzo, começou a duvidar d'êle, pois a conhecia e sabia que não era uma princesa de Toboso, mas uma aldeã. Apesar disso, porém, Sancho não o julgava louco, ainda.

Acreditava que, de fato, D. Quixote era um cavaleiro andante e que outros, como êle, estavam pelo mundo exercendo seu difficil mister de cavaleiros.

Na hospedaria, mostrou tôda sua fé e admiração por D. Quixote, dizendo: ...*"es caballero aventurero, y de los mejores y más fuertes"*. (45).

Sancho acreditava também na cavalaria andante, tanto que seguia suas normas: não pagou ao hospedeiro, como fizera D. Quixote, e apossou-se dos despojos da luta com o barbeiro, defendendo-os ardorosamente, quando êste os reclamou, pois tinham sido mercadamente ganhos na contenda.

A crença em D. Quixote fêz com que Sancho julgasse como falso ou verdadeiro, aquilo que o cavaleiro assim julgasse e que agisse de acôrdo com êle.

Muitas vêzes Sancho provou sua fé em D. Quixote. Assim, ao vê-lo dizer: *"¡yo valgo por ciento!"* (46), atirou-se à luta, seguindo o exemplo do intrépido cavaleiro. Quando no castelo que nada mais era que uma hospedaria, D. Quixote disse-lhe que um mouro o havia atacado, Sancho acreditou, pensando mesmo que talvez fôsse o mesmo mouro encantado que o tivesse agredido. Embora reconhecesse que sua manteação não fôra realizada por sêres encantados, mas por homens de carne e osso, diante das palavras de D. Quixote, acreditou que, de fato, naquela hospedaria havia encantamentos.

Bastavam-lhe apenas algumas palavras de D. Quixote para que êle aceitasse, como verdadeiro, um fato que, pouco antes, lhe havia parecido impossível, tal era a fôrça exercida pelo cavaleiro, sôbre o espírito de Sancho.

Durante o tempo que esteve com D. Quixote, após a primeira saída para as aventuras, Sancho acreditava cegamente nêle, pois não o julgava louco, ao contrário, via nêle um grande homem que devia ser conhecido por todos, admirado e imitado. Sômente na segunda vez que partiram de sua aldeia, é que êle chegou à conclusão de que D. Quixote era falto de juízo.

Ao vê-lo enjaulado, não acreditou que o cavaleiro estivesse encantado, e procurou provar-lhe isto, mas D. Quixote explicou-lhe que havia muitos tipos de encantamento e o escudeiro calou-se e concordou, dizendo: *"Yo me confío de vuestra merced"*. (47).

Contudo, esta fé de Sancho em D. Quixote vacilou muitas vêzes. Confessou à duquesa que D. Quixote era um louco rema-

(45) Cervantes, op. cit., C. 16, I, 387.

(46) Idem, C. 15, I, 374.

(47) Idem, C. 25, I, 536.

tado, mas que, apesar disso, o seguia e disse ao eclesiástico que desejava tornar-se um novo D. Quixote.

Esperava confiante a ilha prometida, pois a fé nas palavras do cavaleiro era verdadeira, uma fé viva, alimentada pelas dúvidas.

Diz D. Miguel de Unamuno: "*La fe sanchopancesca, sin creer cree, y viendo y entendiendo y declarando que es negro, hace al que la acaudala sentir y obrar, y esperar como si fuese blanco! Sancho vivía, sentía, obraba y esperaba bajo el encanto de un poder extraño que le dirigía y llevaba contra lo que veía y entendía y su vida fué una lenta entrega de sí mismo a ese poder de la fe quijotesca y quijotizante*". (48).

Sancho foi sendo quixotizado, até chegar ao cume da fé, resultado da intensa luta entre a crença e a dúvida.

Sendo real a afirmação de Unamuno de que "*sólo los que dudan creen de verdad, y los que no dudan ni sienten tentaciones contra su fe, no creen de verdad*" (49) e que "*la verdadera fe se mantiene de la duda!*" (idem), ninguém, mais do que Sancho Pança teve uma fé inabalável, pois sua crença esteve sempre ao lado da dúvida, dela nasceu.

Sancho, várias vèzes, vendo e conhecendo a realidade, acreditava nas afirmações de D. Quixote, mesmo parecendo-lhe inverossíveis e impossíveis. Fôra o próprio Sancho quem havia fingido o encantamento de Dulcinéia, mas acabou acreditando nêle e consentindo em açoitar-se para desencantá-la, diante da convicção de D. Quixote de que ela havia sido vítima de um encantamento.

Quando da aventura com o cavaleiro do Bosque, Sancho reconheceu nêle seu conterrâneo, Tomé Cecial e no escudeiro, Sansão Carrasco, mas, após a explicação de D. Quixote de que havia ali, novo encantamento, concordou com o cavaleiro. Ao ver D. Quixote ajoelhado diante de Dorotéia, oferecendo-lhe seus préstimos, apesar de saber que aquilo era uma farsa, por meio da qual desejavam levar o cavaleiro de volta a sua aldeia, acreditou que, de fato, a jovem era a rainha Micomicona, tomou por verdadeira a história fantástica que ela lhes narrava, e incitou mesmo D. Quixote a auxiliá-la.

Sancho mostrou-se homem do povo, quando acreditou nas advinhações do macaco de "maese" Pedro, pois o povo crê facilmente em profecias, advinhações, tem superstições. A simplicidade e a ignorância levam-no a acreditar em poderes superiores de certas pessoas, a ter, como verdadeiras, as palavras de curandeiros, feiticeiros e adivinhos.

Podemos, pois, notar que Sancho estava sempre disposto a crer, fôsse em coisas possíveis ou não, imaginárias ou verdadeiras.

(48) Unamuno, D. Miguel de — "Vida de Don Quijote y Sancho", nos "Ensayos", Tomo II, pág., 223-224.

(49) Idem, pág. 224.

E sua crença voltava-se especialmente para D. Quixote, em quem êle tinha firme confiança, tanto que, sem relutância, colocou em suas mãos seu futuro e sua sorte. Era maravilhosa a crença de Sancho em D. Quixote, como o seguia e admirava, que fé lhe dedicava! E era êste o mesmo Sancho que dêle duvidava, julgando-o louco e enganando-o terrivelmente.

Assim era Sancho: todo dúvida e todo fé, simples, ingênuo, e ao mesmo tempo esperto e sagaz.

SANCHO PANÇA: A REALIDADE JUNTO À FANTASIA

O grande filósofo espanhol, recentemente falecido, Ortega y Gasset, nos diz: "*Las cosas tienen dos vertientes: es una el "sentido" de las cosas, su significación, lo que son cuando se las interpreta. Es otra la "materialidad" de las cosas, su positiva substancia, lo que las constituye antes y por encima de toda interpretación*". (50).

Sancho Pança era esta segunda vertente, representava a "*materialidad*", a realidade pela aparência, posta em contacto com o ideal, o imaginado, simbolizado por D. Quixote. Sancho divisava a realidade, enquanto seu amo a contemplava de acôrdo com seu pensamento doentio. Era êle a humanidade que D. Quixote amava e que o acompanhou nas mais espetaculares aventuras, espelhando os fatos como se apresentavam, e não idealizados e transpostos para um mundo diferente e irreal.

Assim, na primeira aventura que se lhes deparou, a presença de Sancho já se fêz notar, advertindo em vão a D. Quixote de que êle estava diante de moinhos de vento e não de gigantes. Mas debalde tentou impedi-lo de atacá-los, pois o cavaleiro não o atendeu, mas seguiu o que lhe ditava seu entendimento.

Sancho procurava sempre mostrar a D. Quixote a realidade, advertindo-o, avisando-o, tentando apontar-lhe os acontecimentos como se evidenciavam, sem, contudo, conseguir seu intento.

Em certa ocasião, pediu-lhe que não atacasse os frades de São Benito, sem ser atendido e, logo depois pretendeu convencê-lo a não atirar-se à luta com os arrieiros, pois êstes eram em número de vinte e êles, apenas dois. Mas, foi vencido pela fantasia de D. Quixote, por suas palavras e acabou por tomar parte na contenda.

Na hospedaria que D. Quixote julgava ser um castelo, Sancho, várias vêzes, vacilou entre a realidade e a fantasia, ficou suspenso entre ambas, mas terminou por acreditar nos encantamentos, cedendo diante das explicações e argumentos dêle.

Apesar disso, o escudeiro não abandonava a pretensão de indicar a realidade ao amo. Assim quando da luta com os "exércitos"

(50) Ortega y Gasset — "Meditaciones sobre el Quijote", Residencia de Estudiantes, Madrid, pág. 177.

que eram apenas rebanhos, advertiu-o de que o que dêles se aproximava eram carneiros e ovelhas e o mesmo aconteceu na aventura com o “elmo” de Mambrino que não era, senão, a bacia de um barbeiro. Dizia Sancho: —“*Lo que yo veo y columbro—(. . .) no es sino un hombre sobre un asno, pardo como el mío, que trae sobre la cabeza una cosa que relumbra*”. (51).

Enquanto D. Quixote tudo vislumbra com os olhos do ideal e da fantasia, Sancho o fazia com os da realidade. Para êle, Dulcinéia era a aldeã Aldonça que êle conhecia, e assim a descrevia: i . . . “*moza de chapa hecha y derecha y de pelo en pecho, y que puede sacar la barba del lodo a cualquier caballero andante, o por andar, que la tuviere por señora! Y lo mejor que tiene es que no es nada melindrosa, porque tiene mucho de cortesana: con todos se burla y de todo hace mueca y donaire*”. (52). Para Sancho, esta era Dulcinéia e não uma bela princesa de Toboso.

Sancho apareceu para impedir a fantasia de D. Quixote, para colocá-lo mais perto da humanidade, do mundo, do real. Todavia, muitas vêzes, no idealismo do cavaleiro, acreditou, pois a voz de D. Quixote era mais forte do que a sua. Tal foi essa força e influência de D. Quixote, que Sancho acabou por despojar-se de suas idéias, fazendo seus, o ideal e o pensamento do cavaleiro, a tal ponto que, após a morte do amo, se propôs a sair pelo mundo, como cavaleiro andante.

E, como diz Unamuno, “*el día menos pensado nos vamos a encontrar con la salida de Sancho, el cual, montado en Rocinante, que tampoco murió, y revestido con las armas de su amo (. . .), se echará a los caminos a continuar las glorias de D. Quijote y a hacer triunfar de una vez el quijotismo sobre la Tierra*”. (53).

AFETOS

Após a morte de D. Quixote, Sancho se dispôs a ir, como fôra seu amo, através de cidades, aldeias e campos, exercendo o duro e penoso mister de cavaleiro andante.

Contudo, vamos encontrá-lo agora, ainda como escudeiro apenas.

Decidido a acompanhar D. Quixote, Sancho que tinha bom coração e amava sinceramente os seus, os amigos e aquêles que de qualquer modo o beneficiassem, foi afeiçoando-se sempre mais a êle e estimando-o.

Velava por D. Quixote, auxiliava-o, advertindo-o dos perigos, não o abandonando, mas estando sempre ao lado dêle.

(51) Cervantes, C. 21, I, 456.

(52) Idem, 25, I, 531.

(53) Unamuno, D. Miguel de — “Lectura e interpretación del Quijote” — “Ensayos”, Tomo I, pág. 672.

Sancho era dedicado, preocupava-se com o bem estar do cavaleiro, com sua alimentação e saúde. Se D. Quixote se feria nos combates, Sancho tratava-o com carinho e desvêlo, demonstrando tôda a afeição que lhe devotava.

Maravilhava-se com a coragem de D. Quixote, nutrindo grande admiração por êle, principalmente por causa de seu heroísmo e sabedoria.

Sancho reconhecia a loucura de D. Quixote, dizendo: ...“*por mil señaes he visto que es un loco de atar*” (54), mas apesar disso, o seguia, pois não tinha coragem bastante para abandoná-lo e o seguiria sempre, tanto se afeçoara a êle. E êste amor chegou ao extremo, quando tornou-se renúncia: por amor a D. Quixote, Sancho mostrou-se disposto a perder a ilha com que tanto sonhara. Era capaz de deixá-la escapar das mãos, para continuar ao lado dêle, como um escudeiro fiel que, antes de tudo, serve a seu senhor. Que grandeza de ânimo! Que amor profundo! Só quem ama verdadeiramente é capaz de abdicar a seu maior desejo, para estar ao lado do ente querido. E Sancho, o humilde e rústico Sancho o fêz, edificando-nos, com seu ato de amor.

Mas, em sua alma debatiam-se sentimentos contrários e várias vêzes enganou D. Quixote, faltou-lhe com o respeito, censurou-o, porém, finalmente, venceu o amor.

Quando ia levar a carta a Dulcinéia, Sancho mostrou-se preocupado com o que se alimentaria D. Quixote, sozinho, na Serra Morena e chorou ao deixá-lo ali, entregue a suas loucuras.

Revoltou-se ao ver o nobre cavaleiro tão penosamente enjaulado, procurou provar-lhe que êle não estava encantado, pois sentia muito, ver assim vexado e humilhado, aquêle cujo único anseio era servir a seus semelhantes, auxiliá-los em tôdas as necessidades.

Quando da luta com o cabreiro, Sancho acorreu em defesa de D. Quixote, pois não queria vê-lo sofrer, já que o amava tanto. E, ao julgá-lo morto, pranteou-o, chorando dolorosamente e chamando-o flor da cavalaria. Sancho estimava D. Quixote sinceramente, em tôda a simplicidade de seu coração. Sim, pois os humildes e simples são os que amam mais profundamente, pois não têm interêsses, amam alguém pelo que é, não pelo que possui.

Na aventura com os leões, Sancho, ao ver que D. Quixote se conservava inabalável na intenção de empenhar-se em luta com os animais, advertiu-o inúmeras vêzes de que aquêles leões eram verdadeiros e chorou copiosamente ao ver certa a morte do cavaleiro. Quando, porém, o viu são e salvo, alegrou-se imensamente e orgulhou-se do amo que êle, então, dizia atrevido e não, louco. Por mais loucuras que D. Quixote praticasse, Sancho não o deixava. Enquanto a mente indicava-lhe um caminho diverso daquêle se-

(54) Cervantes, op. cit. C. 10, II, 1037.

guido por D. Quixote, o coração o impelia para êle e Sancho o obedecia.

No govêrno da ilha Baratária, não o esqueceu, mas escreveu-lhe, perguntou por êle e, quando desiludiu-se dela, voltou para D. Quixote com cujas glórias se alegrava, entristecendo-se com seus sofrimentos.

Assim, ao ver encerrada a carreira de D. Quixote, em Barcelona, grande foi o pesar de Sancho, não sabia o que fazer, magoado e deprimido. Procurou, então, consolar o valoroso cavaleiro, sentou-se junto de seu leito, confortou-o, tentou animá-lo, pedindo-lhe, em seguida, que não se deixasse impressionar e vencer, pois, dizia êle todos têm momentos de glória e de fracasso. Mostrou-lhe, depois seu exemplo: de governador de uma ilha, passara a simples escudeiro, e havia vencido a dura prova. Todavia as palavras de Sancho não encontraram eco naquela alma abatida pelo rude golpe sofrido.

Por fim, chegaram à aldeia natal, mas chegava também o fim, para D. Quixote. Sancho, fiel, dedicado, afetuoso, não se afastou da cabeceira do moribundo. Chorava e lamentava-se, dizendo: “¡Ay! No se muera vuesa merced, señor mío”. (55). Não se conformava em perder aquêle que havia sido para êle o senhor, o mestre, o amigo, o companheiro inseparável.

Apesar, pois, de haver muitas vêzes duvidado de seu bom senso, de haver burlado dêle, no fundo, Sancho sempre amou e admirou D. Quixote. O escudeiro não podia resignar-se; acostumara-se à companhia dêle, a seus conselhos sábios e, após sua morte, tornou-se o herdeiro do ideal e da filosofia do herói cervantino, como bem afirma Unamuno.

Sancho amava muito e sinceramente sua família, devotava-se a ela. Abandonou-a, é verdade, para acompanhar D. Quixote, mas com que finalidade? Com o objetivo de adquirir riquezas, de ganhar uma ilha, portanto, indiretamente, por amor à família, pois o que conseguisse reverteria em seu benefício e dos seus.

Preocupava-se com a família, queria dar-lhe maiores regalias, um nome destacado, títulos, desejava ardentemente vê-los “señorías”. Alegrava-se deveras, ao pensar que poderiam tornar-se ricos, importantes, invejados pelos vizinhos, pela aldeia tôda.

Sonhava com um reino, pois assim, a espôsa tornar-se-ia uma rainha e os filhos, infantes, embora reconhecesse que não lhes assentaria bem, a não ser um condado.

Apesar de rústico, simples e sem cultura, Sancho dedicava aos seus uma grande afeição, um amor verdadeiro e profundo, um amor sincero, dedicado, pois não era fingido nem falso em seus sentimentos.

(55) Idem, C. 74, II, 1735.

Após a pendência com os arrieiros, afirmou que não vingaria ofensas, nem tomaria da espada contra ninguém, pois, dizia êle: ...*"tengo mujer y hijos que sustentar y criar"* (56), não poderia, portanto, arriscar-se a ficar inutilizado ou a perder a vida em combates.

Houve apenas uma ocasião em que Sancho se esqueceu da família, alegrando-se ao imaginar-se casado com uma donzela do reino que D. Quixote haveria de receber por seus feitos heróicos. Mas, ao receber os escudos que o cavaleiro tão liberalmente lhe deu, guardou-os para a família, dando, assim, imensa alegria à espôsa, pois Teresa podia, então, reconhecer em Sancho, um marido capaz e cumpridor de seus deveres.

Ao ver desfeita a crença de que Dorotéia era rainha, ao compreender que, ainda desta vez não conseguiria realizar seu ideal, entristeceu-se muito, lembrando que os seus estariam aguardando ansiosamente seu regresso, com grande riqueza e coberto de glórias, e êle voltaria ...*"hecho mozo de caballos"*. (57). Sentia-se humilhado por não corresponder à expectativa dos entes queridos.

Quando, pela segunda vez, os deixava para acompanhar D. Quixote, sentiu-se oprimido por deixá-los e, diante da acusação de que os esqueceria quando governador, negou-o categóricamente e, de fato, não os olvidou. Na ilha, em meio a pompas e glórias, julgando os mais diversos casos, não se envergonhou dêles ou de sua origem, mas os recordou, enviando-lhes regalos.

Sonhava fazer da espôsa, "*Doña*" Teresa Pança, corrigia-lhe as expressões errôneas, pois desejava que evoluíssem, melhorassem o nível de vida e se preparassem para ser fidalgos.

Prometeu a Teresa: ...*"te enviaré dineros, que no me faltarán, pues nunca falta quien se los preste a los gobernadores cuando no los tienen"*. (58). Disse Sancho, aqui, uma grande verdade, pois assim acontece, realmente. Sendo governador, todos estariam prontos a emprestar-lhe dinheiro, mesmo sem saber se seriam pagos. Mas, se o pedisse quando pobre aldeão, certamente não encontraria quem o auxiliasse.

Sancho falou com orgulho da família, ao escudeiro do cavaleiro do Bosque, encarecendo os filhos, especialmente Sanchica que, dizia êle "(...) *es tan grande como una lanza, y tan fresca como una mañana de abril, y tiene una fuerza de un ganapán*". (59). Através dos têrmos simples, pode-se ver o profundo amor paternal de Sancho, que se voltava mais a Sanchica, a qual êle desejava casar com um rico senhor e ornar com o título de condessa.

(56) Idem, C. 15, I, 378.

(57) Idem, C. 47, I, 864.

(58) Idem, 5, II, 996.

(59) Idem, C. 13, II, 1068.

Certa vez confessou a D. Quixote que Teresa era ciumenta e que —“*No es muy mala; (...) pero no es muy buena;*” (60) mas, na verdade, apesar disso amava-a ternamente, como provou muitas vêzes, haja visto a carta que lhe enviou da ilha. Recomendou-lhe que andasse só de carro, se cuidasse mais, pois era, então, a espôsa de um governador. Chamava-a, carinhosamente, “*Teresa mía*”.

Sancho, grato que era, agradeceu aos duques o bem que haviam feito a sua família, os presentes que lhe haviam enviado, pois era o mesmo que havê-los regalado a êle.

Na carta a D. Quixote, perguntou pelos seus, pois estava ansioso por notícias dêles, não os esquecia nunca.

E, ao regressar ao lar, sentia-se feliz, pois poderia dizer orgulhoso, a Teresa: “*Dineros traigo, (...) ganados por mi industria y sin daño de nadie*”. (61).

À chegada, correu Sanchica a receber o pai carinhoso e, radiante de alegria e felicidade, abraçou-o e todos, unidos, “*se fueron a su casa*” (idem), uma casa pobre, simples, mas onde havia paz e tranqüilidade, amor e ventura.

Sancho, ao partir com D. Quixote, munuiu-se de alforges e levou, consigo, um asno que seria um companheiro inseparável de tôdas as horas, sofrendo com êle os inúmeros insucessos ou gozando momentos de alegria, um amigo a que Sancho dedicava grande afeição. Chamava-o “*rucio*”, devido à côr de seu pêlo, conversava com êle, participando-lhe os sofrimentos ou venturas que a vida lhe proporcionava.

Um dia, porém, com a vinda de uma nova aurora, chegava para Sancho uma imensa tristeza, pois não mais estava ali o animal tão querido. Grande foi a mágoa que lhe invadiu o coração e tantos os lamentos, que com êles despertou D. Quixote, ainda adormecido. Dizia Sancho: —“*¡Oh hijo de mis entrañas, nacido en mi misma casa, brinco de mis hijos, regalo de mi mujer, envidia de mis vecinos, alivio de mis cargas, y, finalmente, sustentador de la mitad de mi persona...!*” (62) .

O “*rucio*” fôra ardidosamente furtado por Ginés de Pasamonte. Mas um dia, Sancho, encontrando-os, reconheceu prontamente o animal e conseguiu readquiri-lo. Ditoso por ter novamente a seu lado o asno, dizia-lhe carinhosamente: —“*¡Cómo has estado, bien mío, rucio de mis ojos, compañero mío?*” (63) E o beijava e acariciava, feliz por tê-lo encontrado.

Tal era a dedicação de Sancho por êle que, no castelo dos duques, onde estava hospedado, discutiu com uma dama, por causa do “*rucio*”, exigindo que o tratassem bem, dispensando-lhe os maiores cuidados.

(60) Idem, C. 22, II, 1170.

(61) Idem, C. 74, II, 1726.

(62) Idem, C. 23, I, 489.

(63) Idem, C. 30, I, 622.

Quando se dirigiu para a ilha de seus sonhos, levou-o consigo, todo ornamento e, orgulhoso, ia admirando seu companheiro. Em companhia do asno, "(...) iba tan contento, que no se troca-ra con el Emperador de Alemania". (64). Depois, já no govêrno, ordenou novamente que cuidassem bem dêle e, na carta a Teresa, enviou-lhe as recomendações do "rucio" querido.

Entretanto, veio a desilusão para Sancho. Abandonou, então, a ilha Baratária, não sem antes ir à cavalaria, onde, abraçado ao asno, deu-lhe um beijo de paz e, chorando, dirigiu-lhe suas queixas. O "rucio" era agora seu companheiro de desventura. Retirando-se, o ex-governador nada aceitou do que lhe ofereciam, a não ser pão e queijo para si e cevada para a cavaladura.

De regresso ao castelo dos duques, caíram ambos numa fuma e, assim foram através dos caminhos, ora venturosos, ora sofredores, como dois bons amigos.

Não só a êstes dedicou Sancho, seus afetos, mas a todos aquêles que o cercavam, demonstrando, desta forma, a grandeza de seu bom coração.

Mereceram os duques a afeição do escudeiro, pois haviam realizado seu sonho, tinham dado a êle uma ilha, embora imaginária. Sancho dedicava especial atenção à duquesa, chegando mesmo a desejar armar-se cavaleiro, para servi-la. Não obstante, tinha aversão por suas damas, principalmente depois de ser agraciado com a ilha. Dizia êle: "*—Después que tengo humos de gobernador, se me han quitado los vaguidos de escudero y no me da por cuantas dueñas hay un cabrahigo*" (65), apesar da admiração e respeito dispensados por êle, às mulheres.

Sancho, fâcilmente se enternecia com as lágrimas alheias, especialmente com as femininas. Diante dos rogos e lamentos de uma jovem ou de uma senhora, nada lhe era impossível, nada negava e, para contentá-la estava disposto a tudo sacrificar.

Sancho, portanto, é bem um símbolo da bondade, da dedicação e do amor ao próximo, do amor simples e desinteressado e, por isso mesmo, profundo e verdadeiro.

RELIGIOSIDADE

Sancho, como vimos há pouco, amava o próximo, auxiliava-o em suas necessidades, mostrando-se, assim, um bom cristão, como o é o povo de Espanha.

A nação espanhola, tradicionalmente católica, é um país que lutou por sua fé e que, fiel à crença abraçada, implantou-a nas mais distantes regiões do orbe terrestre.

(64) Idem, C. 44, II, 1406.

(65) Idem, C. 37, II, 1345.

Sancho demonstrou, através de suas palavras e ações, sua religiosidade e a religiosidade do povo castelhano, por êle representado.

"(...) *Yo cristiano viejo soy, y para ser conde esto me basta*" (66), dizia Sancho. Sendo um bom cristão, estava êle, de fato, pronto para exercer qualquer cargo, pois da religião lhe vinham qualidades e virtudes como a fidelidade, amor à família e ao próximo, bondade, justiça, humildade e sabedoria.

Sancho era bom católico, conformava-se com a vontade divina, acreditava em sua infinita misericórdia, sabia que Deus vela por seus filhos e jamais os abandona.

Diante dos perigos, Sancho implorava a proteção do Todo-Poderoso, encomendava-se aos Céus, invocando amparo: "(...) *Dios me ayude y la Santísima Trinidad de Gaeta*" (67), suplicava.

Antes de subir ao cavalo Clavileño, Sancho quis saber se poderia invocar a Deus, nas alturas, pois sentia mais do que nunca, a necessidade do auxílio do Céu. Pediu, depois, que orassem por êle, dizendo "*paternosters*". Assim são os homens: nos momentos difíceis em que tudo falha, dirigem-se ao Onipotente, pois Êste nunca falta.

No capítulo 8, II, Sancho fêz sua profissão de fé; ... "*creo, firme y verdaderamente, en Dios y en todo aquello que tiene y cree la Santa Iglesia Católica Romana*". Mostra-se um católico sincero e coerente, um bom cristão que reconhece a autoridade e a sabedoria Divina e da Igreja.

Aludiu, várias vêzes, a pregações que ouvira, como aquela sôbre a morte, o que demonstra ser êle um católico verdadeiro, praticante que frequentava a igreja, assimilava e procurava cumprir fielmente a palavra de Deus.

Dizia Sancho em outra passagem; "(...) *Dios, que da la llaga, da la medicina*". (68). Conformava-se com os sofrimentos, pois sabia que é Deus quem os dá e que depois receberia por êles, alegrias incomensuráveis.

Sancho não desejava perder a alma. Assim, afirmou que, se fôsse êste o resultado de seu govêrno, renunciaria à ilha, o que demonstra, mais uma vez, que era um católico fervoroso, capaz de desistir de um sonho dourado como o era o da ilha, se esta se tornasse a causa da perdição de sua alma. Não era portanto, como muitos homens que relegam a salvação eterna a plano secundário, mas o colocava acima de tudo.

Sancho, um aspecto do povo castelhano, o foi também na religiosidade tão profunda e real, numa crença que as tempestades da vida não conseguem abalar, antes concorrem para solidificar e encarecer.

(66) Idem, C. 21, I, 469.

(67) Idem, C. 41, 11, 1374.

(68) Idem, C. 19, II, 1140.

SIMPLICIDADE E HUMILDADE

Aliadas aos bons sentimentos e à religiosidade, Sancho possuía várias virtudes, entre as quais salientamos a simplicidade e humildade.

Sancho, simples nasceu e sempre demonstrou simplicidade em seus atos.

Dizia já São Paulo aos Coríntios: “se algum de vós parece ser sábio neste século, faça-se simples para ser de veras sábio”. E Sancho que era tão simples, ingênuo, sem cultura, portou-se como um Salomão em suas sentenças, realizando, assim, a afirmação do apóstolo.

Sancho não apreciava as pompas, nem as cerimônias, preferia a liberdade, tanto que confessava: “(…) *mucho mejor me sabe lo que como en mi rincón sin melindres ni respetos, aunque sea pan y cebolla, que los gallipavos de otras mesas donde me sea forzoso mascar despacio, beber poco, limpiarme a menudo, no estornudar ni toser si me viene gana, ni hacer otras cosas que la soledad y la libertad traen consigo*”. (69). Sancho fôra criado na simplicidade e nela queria permanecer, não apreciava as etiquetas que o aborreciam.

Quando das bodas de Camacho, Sancho admirou-se muito das jóias e vestimentas de Quitéria, deixando entrever em suas expressões de elogio a ela sua condição de homem rude e simples, de aldeia.

Depois, porém, que entrou para a escola de D. Quixote, foi tornando-se menos simples, tanto que D. Quixote lhe disse:

—“*Cada día, Sancho, (...) te vas haciendo menos simple y más discreto*.”

—“*Si, responde Sancho, que algo se me ha de pegar de la discreción de vuesa merced*”. (70).

Assim aconteceu e realizou-se o provérbio que diz: “*no con quien naces, sino con quien paces*”. (76). Sancho foi influenciado por D. Quixote, foi sendo quixotizado, não deixando, porém, de transparecer algo de sua origem, em certas ocasiões.

Por várias vezes, em várias circunstâncias, demonstrou êle ser possuidor de grande simplicidade, qualidade essa que lhe era peculiar, e que é raramente encontrada, entre os homens de hoje.

Se Sancho era simples, havia nêle, também, a virtude da humildade.

Respeitava os que lhe eram superiores, acatando-lhes as admoestações e conselhos. Se cometia uma falta, um êrro, curvava-se diante de D. Quixote pedindo-lhe perdão, de joelhos.

(69) Idem, C. 11, I, 329.

(70) Idem, C. 12, II, 1058.

(76) Idem, C. 10, II, 1037.

Sancho não era hipócrita, nem tão orgulhoso que não confessasse suas imperfeições. Podemos vê-lo dizendo, por exemplo: ...“yo soy un hombre que tengo más de monstrenco que de agudo”. (71). Além de humilde, era sincero.

Não se sentia envergonhado ou diminuído pela origem modesta e não ocultava sua condição de obscuro aldeão. Quando governador, não permitia que o chamassem D. Sancho Pança, pois pertencia a uma família humilde e sem títulos de nobreza, como ele próprio afirmava.

No entanto, como ser humano, estava sujeito ao êrro e, assim, ao ter notícia de que era importante personagem de uma obra literária, tornou-se bastante orgulhoso, pois não estava ainda devidamente preparado para receber, com modéstia, tal acontecimento. Então, impôs condições para acompanhar D. Quixote, “avisando-o” de que não tomaria parte em pendências, mas apenas cuidaria de sua pessoa, velando por sua limpeza e comodidade. Depois, disse-lhe: ...“no quiero que huya sin tener para qué, ni que acometa cuando la demasía pide otra cosa”. (72). Por algum tempo a mente de Sancho ficou obscurecida pela fama e grandeza, tanto que já se achava no direito de dar ordens a D. Quixote que havia sido a causa primeira de sua glória e notoriedade. E em seguida, reclamou-lhe pela demora da concretização de seu ideal, pois se julgava, então, hábil para governar uma ilha. Esta, porém, não era a realidade. Sancho não estava preparado ainda para tão grande encargo, pois não tinha sido capaz, então, de vencer o orgulho. Somente após ter passado por sofrimentos e lutas, e haver aperfeiçoado e elevado o espírito através deles, é que se tornou apto para ser o competente governador da ilha Baratária.

Então, quando de posse do govêrno, Sancho revelou ter voltado a ser aquêlê homem humilde de outrora que atendia aos sábios conselhos de D. Quixote e aceitava, confiante, os ensinamentos dos que lhe eram superiores. Nesta ocasião em que poderia mostrar-se orgulhoso, de fato, foi quando, mais do que nunca, demonstrou ser humilde. Não permitia que lhe beijassem a mão ou lhe falasse alguêm, de joelhos, rejeitando pompas e honrarias.

Finalmente, após tão brilhante e sábio desempenho do cargo, retirou-se, afirmando não ser capaz de governar, senão, um pequeno rebanho. E abandonou aquêlê lugar que em seus sonhos acreditara ser um paraíso, mas que lhe proporcionou apenas desilusão e sofrimentos, levando consigo somente o “rucio”.

Foi Sancho quem afirmou conhecer-se, saber quem era. Também nós sabemos quem era Sancho: um homem capaz de reconhe-

(71) Idem, C. 51, II, 1491.

(72) Idem, C. 4, II, 985.

cer seus erros e enganos e por isso, grandioso, um cristão verdadeiro que ouvia e punha em prática o que dizia o Mestre: "Aprende de mim que sou manso e humilde de coração".

LINGUAGEM

A linguagem de Sancho era a popular, típica da população aldeã espanhola, uma linguagem simples, mas colorida, viva e interessante, pois espontânea.

A princípio era um linguajar muito rústico e desataviado, com termos e pronúncias alteradas e expressões grosseiras, no que era corrigido por D. Quixote, muito embora Sancho se aborresse com isso. Satisfazia-se com ser compreendido, sem se preocupar com a correção da linguagem.

A evolução das prevaricações de Sancho deu-se em três fases:

a) troca de sons e sílabas, defeito êsse muito freqüente, de que é exemplo a pronúncia de *friscal*, por *fiscal*, *presona*, por *persona*, etc.;

b) mudança no sentido das palavras, alteração semântica. Por exemplo, quando D. Quixote lhe falou em *pacto*, Sancho tomou a expressão com o significado de *pátio* e assim fez várias vezes;

c) inversão, confusão de nomes. Dizia Sancho *Berengena*, por *Benengeli*.

Essas prevaricações sanchescas davam-se comumente e eram sempre corrigidas por D. Quixote que foi influenciando no linguajar de Sancho. Podemos notar que sua linguagem foi modificando-se, evoluindo: primeiramente errava, mas não dava importância ao fato, mas, depois, já podemos perceber uma pequena transformação, pois dizia a forma certa e a incorreta, para finalmente, passar a corrigir as falhas dos outros.

Tal foi a modificação operada, que Sancho, quando D. Quixote descia à cova de Montesinos, disse-lhe: "¡—Dios te guíe y la Peña de Francia, junto con la Trinidad de Gaeta, flor y espuma de los caballeros andantes! ¡Allá vas, valentón del mundo, corazón de acero, brazos de bronce! ¡Dios te guíe otra vez, y te vuelva libre y sano y sin cautela a la luz desta vida que dejas por enterrarte en esta escuridad que buscas!" (73).

Apesar dos termos serem simples e às vezes grosseiros, o tom é já dos discursos e invocações de D. Quixote.

Sancho possuía grande repertório de provérbios que empregava continuamente e com propriedade, enfileirando-os, às vezes: "...*hablen cartas y callen barbas, porque quien destaja, no baraja, pues más vale un toma que dos te daré. Y (...) el consejo de la mujer es poco, y el que no le toma es loco*". (74).

(73) Idem, C. 22, II, 1176 a 1179.

(74) Idem, C. 7, II, 1008.

A sabedoria de Sancho, popular, adquirida na experiência da vida, era, em grande parte, expressa através do número imenso de provérbios que conhecia e sabia utilizar no momento oportuno.

O Sancho dos provérbios, tornou-se também, às vezes, o Sancho dos romances. Vêmo-lo citando versos do Romancero, como: “*Aquí morirás traidor, enemigo de doña Sancha*”, ou “*Mensajero sois amigo*”, ou ainda “*no diga la tal palabra*” não deixando de aludir também ao romance de Lanzarote que, segundo afirmava, aprendera de ouvi-lo declamado por D. Quixote.

Após tornar-se governador, Sancho procurou usar uma linguagem mais elevada e depurada, de acôrdo com o alto cargo que então ocupava. Podemos observá-lo, por exemplo, quando dissertava sôbre o sono, utilizando várias e interessantes metáforas, nos termos: ... “*capa que cubre todos los humanos pensamientos, manjar que quita la hambre, agua que ahuyenta la sed, fuego que calienta el frío, frío que templá el ardor, y, finalmente, moneda general con que todas las cosas se compran, balanza y peso que iguala al pastor con el rey y al simple con el discreto*”. (75).

Tal foi a transformação e o aperfeiçoamento do linguajar de Sancho, que há um capítulo julgado por Benengeli, como apócrifo.

Vemos, portanto, que Sancho, que a princípio era corrigido, foi cuidando mais da linguagem, tanto que passou depois a reprovar os erros de sua espôsa Teresa, demonstrando, dêste modo, os conhecimentos adquiridos no decorrer da aventureira peregrinação em companhia de D. Quixote.

Mas Sancho não deixou, apesar disso, de representar a fração do povo castelhano que, no desconhecimento da língua culta, troca vocábulos, altera fonemas e significado de palavras, vindo a substituir a língua vulgar da nação.

CONCLUSÃO

Demorando, um pouco, o espírito na meditação dos traços mais distintos, observados na personalidade marcante de Sancho Pança, facilmente chegaremos à conclusão de que nos defrontamos com um personagem profundamente humano, no qual não encontramos atos heróicos, é verdade, mas também, não existem negros vícios. Ao contrário, Sancho era um homem comum que nos desperta a atenção, não por ser estranho, diferente, mas por ser um personagem real e, por isso, com alguns defeitos, ao lado de virtudes básicas e cristãs.

Quando o tomou D. Quixote, para seu escudeiro, assim era Sancho, porém, durante a convivência com o nobre cavaleiro, so-

(75) Idem, C. 68, II, 1675.

freu enorme transformação que podemos sentir desde a linguagem, até os mais puros sentimentos. Pouco a pouco, Sancho foi aperfeiçoando-se e, paulatinamente, as virtudes foram tornando-se mais numerosas que os vícios, até alcançar um máximo de perfeição, até estar pronto para tornar-se, também êle, um cavaleiro andante.

Todavia, Sancho obteve a vitória, não sem árduas lutas entre o certo e o errôneo, entre o bem e o mal. Errou muitas vezes, faltou com o dever, a fidelidade, o amor, mas arrependeu-se depois, procurou corrigir-se e conseguiu, finalmente, o triunfo.

Sancho é a outra face do povo, diversa da representada por D. Quixote, idealista, ilustrado e de elevação de espírito. Sancho Pança representa o tipo justamente contrário ao do cavaleiro, pois não possuía, a princípio, um ideal para norteá-lo, mas, em lugar dêle, a ambição. Era um homem inculto, acostumado à rotina da vida aldeã, raramente modificada por pequenos acontecimentos.

Sancho é, de fato, a concretização “do ambiente, da vida e da mentalidade de aldeia”. (76). Podemos notar seus hábitos, sem as etiquetas que tanto o aborreciam; a preocupação com a família, sem bem-estar e felicidade; o carinho com a espôsa e os filhos, provocado por um amor sincero e profundo, a vida simples, mas feliz que viviam, aquela vida de aldeia, com seus mexericos, festas, crenças e devoções, alegrias e tristezas.

Apesar de simples e, às vezes, ingênuo, Sancho não era tolo. Ao contrário, de espírito vivo e perspicaz, era esperto, reagia contra aquêles que, aproveitando-se de sua paciência, bondade e resignação, dêle queriam zombar. Cabe aqui, uma comparação com o nosso caboclo que, como Sancho, sofre, muitas vezes por ser ingênuo e bom, mas que não deixa de ser esperto, um tanto malicioso e de inteligência aguda. E’ aquêle caboclo confiante ao extremo e, ao mesmo tempo, desconfiado, algumas vezes arrogante, em outras, de grande humildade, o sertanejo que ama a liberdade e a vida em contacto contínuo com a natureza, mãe abnegada e sábia mestra, com a qual aprende a viver e da qual aprende os ensinamentos mais diversos. E’ ainda aquêle caboclo de bom coração, sincero e afetuoso que sabe odiar, mas, acima de tudo, sabe amar, pois é religioso, de uma religiosidade primitiva, entremeada de superstições, mas verdadeira. Podemos, pois, notar a existência de grande semelhança entre Sancho Pança, aldeão castelhano e o caboclo da terra brasileira, homem imperfeito, com virtudes e falhas, mas que é, “antes de tudo, um forte”, como assinalou Euclides da Cunha. (77).

Cervantes conhecendo deveras a psicologia do povo castelha-

(76) Prat, Angel Valbuena — “Historia de la literatura española”, II, pág. 68.

(77) Cunha, Euclides da — “Os Sertões”, Sexta edição corrigida — Livraria Francisco Alves — 1923 — pág. 114.

no, havia penetrado até sua raiz mais profunda e, o que é mais importante, soube transportar esse conhecimento para as páginas de sua obra, de maneira fiel e interessante. Soube pintar personagens de tôdas as classes, desde as mais elevadas, às mais humildes, sempre utilizando côres adequadas, correspondentes à realidade, sem carregar nas tintas ou diminuí-las. E, de seu pincel maravilhoso, surgiu a figura atraente e perfeita do aldeão castelhano que êle tão bem nos apresentou na pessoa de Sancho Pança.